



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

Marco metodológico para a aplicação dos estudos da paisagem no planejamento turístico¹.

Paulo dos Santos Pires²
Universidade do Vale do Itajaí

Resumo

Paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas. A paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística. Assim, este trabalho resultante de uma pesquisa do Programa ProBIC-UNIVALI, SC realizada em 2006, objetivou reconhecer o potencial dos estudos da paisagem, na sua dimensão visual, aplicados a áreas e destinações turísticas, através de uma ampla análise do referencial teórico e metodológico conhecidos. Os resultados incluem um quadro metodológico sobre o campo de aplicação dos enfoques de qualidade, fragilidade e impactos visuais no planejamento turístico, bem como, o apontamento de linhas de pesquisa que possibilitem a produção do conhecimento científico para a sua aplicação empírica no planejamento e desenvolvimento do turismo em bases sustentáveis.

Palavras-Chave: Turismo; Paisagem e Turismo; Planejamento do Turismo; Estudos da Paisagem.

1. Introdução

Uma forma bastante clara e contundente de atestar a indelével relação da paisagem com o turismo se dá a partir da simples constatação de que a motivação fundamental para a viagem turística é a necessidade de romper com a rotina. Para muitos a melhor forma de conseguir esta ruptura é através da mudança física de lugar, uma atitude que está na essência do turismo. (FONT, 1989). Ao fazê-lo o turista terá na “paisagem” o fator que melhor lhe indicará essa tão desejada ruptura, ainda que temporária, com a percepção visual do novo e do diferente.

¹ Trabalho apresentado ao GT - Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR 2007

² Graduado em Eng^a Florestal e Especialista em Sensoriamento Remoto e Fotointerpetação pela UFMS-RS; Especialista em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI-SC; Mestre em Eng^a Florestal (Conservação da Natureza) pela UFPR-PR; Doutor em Ciências (Geografia Humana) pela USP-SP. Professor e pesquisador da UNIVALI-SC, nos Cursos de Graduação em Turismo e Hotelaria; Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria e Doutorado em Administração e Turismo. Consultor da FBPN – Curitiba, PR.

Nos espaços pouco alterados a paisagem predominantemente natural atrai pela presença e composição cênica dos elementos naturais: água; vegetação; relevo; e fauna, além das ocorrências episódicas e sazonais da atmosfera e do clima. Já nas áreas humanizadas a paisagem, segundo Font (1989), é um produto social; o resultado de uma transformação coletiva da natureza; a projeção cultural da sociedade num determinado espaço.

Por isso, paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas. A paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística. Seu estudo particularmente nos aspectos de qualidade, fragilidade e de impactos visuais, é de grande valor para o desenvolvimento turístico, seja em destinações ou regiões turísticas onde já se verifica tal processo, seja naquelas onde o mesmo ainda é insipiente mas apresenta potencial de crescimento.

Dessa forma a paisagem, enquanto expressão espacial e visual do ambiente, se transforma em uma categoria ou variável de análise privilegiada, evidenciando um potencial latente de investigação científica e de abordagens acadêmicas, diante de sua interface com o desenvolvimento do turismo em bases sustentáveis. Ao mesmo tempo, constata-se a existência de lacunas de conhecimento no âmbito da produção em turismo, não apenas quanto a sistematização de um referencial teórico e metodológico sobre a paisagem em sua dimensão visual, mas também quanto à caracterização do potencial de seu estudo no planejamento do turismo, na perspectiva científica do estabelecimento de novas linhas de pesquisa no nosso meio acadêmico, particularmente em Cursos de Pós-Graduação (*Stricto-Sensu*) na área de Turismo.

2. Uma síntese do marco teórico-metodológico dos estudos da paisagem

O conhecimento teórico-metodológico no âmbito dos "estudos da paisagem" estabeleceu suas bases contemporâneas no ocidente a partir da década de 1960 com os protagonistas da escola anglo-americana do "planejamento e arquitetura da paisagem", entre eles D. L. Linton; R.B. Litton; M. Laurie; R.B. Laurie; D. Lovejoy; I.L. Mc. Harg; E.H. Zube; e A. Ramos. A progressiva ampliação do conhecimento nesta área nas décadas subseqüentes estabeleceu um vasto campo de investigação, com múltiplos desdobramentos metodológicos e enfoques aplicativos no campo do planejamento ambiental e do ordenamento territorial, cujo universo

correspondente a esse período foi compilado em língua espanhola por autores como Fernández (1979) e Ignácio, et al. (1984).

Se nesse período inicial se estabeleceu o arcabouço teórico e metodológico para os estudos da paisagem em sua dimensão visual/estética, foi a partir da segunda metade da década de 1980 com o progressivo desenvolvimento da informática, que começaram a se multiplicar os estudos e pesquisas aplicadas com maior alcance e desenvoltura, já que as novas ferramentas (programas de computador) para o tratamento quantitativo de uma grande massa e variedade de dados, se tornavam disponíveis para alguns centros de referência e pesquisadores com maior produção e experiência na área.

No Brasil, até onde se sabe, os primeiros trabalhos na área surgiram no final da década de 1970 e no decorrer dos anos 1980, como subsídio ao zoneamento em áreas naturais protegidas, com destaque para Griffith (1979); Griffith & Valente (1979) e Milano (1989). Desde então, apesar de decorridos mais de 20 anos, a produção técnico-científica entre nós não tem acompanhado a produção internacional nessa área. No entanto, existem trabalhos dispersos publicados, sobretudo ao longo dos anos 1990 voltados prioritariamente para o planejamento ambiental ou para o zoneamento paisagístico de áreas naturais, visando a sua conservação e uso recreativo.

Segundo Alonso *et al.* (2004), há dois grandes aspectos no estudo da paisagem: o da “paisagem total”, que identifica a paisagem com o meio; e o da “paisagem visual”, que corresponde ao enfoque da estética e da percepção. Nos dois casos, a paisagem surge como manifestação externa do território, mas interpretada de forma diferente. Dessa forma, no primeiro caso, o interesse se concentra na importância da paisagem como indicador ou fonte de informação do território, e no segundo se concentra no que o observador é capaz de perceber deste território. Portanto, a delimitação da paisagem é diferenciada segundo o enfoque de estudo.

Os fatores que influenciam na formação na expressão atual da paisagem são numerosos e as combinações que podem ser feitas com essas variáveis são quase ilimitadas. Existem semelhanças e características comuns que resultam em diversas paisagens e que estão em estreita relação com os fatores causais que as determinam. Em resumo, pode-se dizer que as

paisagens resultam da combinação de geomorfologia, clima, vegetação, animais, água e a incidência das alterações naturais e das modificações antrópicas.

No entanto, não se deve pensar que a paisagem atual é o ponto final de uma história de processos geomorfológicos, climáticos, bióticos e antrópicos. As variáveis que intervêm em sua formação continuam ativas e evoluem modificando-se no tempo, constituindo um conjunto dinâmico. A consideração global dos componentes da paisagem e de suas relações recíprocas, junto à visão ecológica do território como sistema integral, constitui também o objeto percebido e observado na paisagem visual.

Por sua vez, o conceito universal de “paisagem” pode ser abordado, basicamente, a partir de três dimensões: a cultural; a ecológico/geográfica; e a estética ou visual (JORDANA, 1992). No âmbito da expectativa e da experiência turística, o interesse pela paisagem repousa especialmente sobre os valores perceptivos e culturais, que são aqueles de natureza subjetiva derivados da sensação de aventura, mistério, interesse histórico-cultural e atração visual. Este último atributo evoca a *dimensão visual da paisagem* e dá ensejo a dois conceitos que serão tomados como marco referencial neste trabalho: a) “paisagem é o domínio do visível ou de tudo aquilo que a visão abarca” (Santos, 1988); e b) “paisagem é a expressão espacial e visual do ambiente”.(BOMBIN, 1987).

Atualmente os estudos da paisagem com base na percepção visual compreendem desde simples descrições elementares, passando pelas mais variadas classificações e tipificações e chegando ao intenso de técnicas estatísticas. Essa diversidade de abordagens e enfoques para o estudo da paisagem, deu origem a múltiplos métodos de avaliação que podem ser classificados em função dos critérios utilizados, dos sistemas de medidas, da participação ou não do público, entre outros.

3. Uma visão geral do campo de aplicação dos enfoques de qualidade, fragilidade e impactos visuais no planejamento do turismo

Dada a sua clara identificação com o nível de qualidade dos recursos naturais e culturais requeridos pelo turismo, a paisagem proporciona amplas possibilidades de análise e avaliação destes mesmos recursos potenciais para o aproveitamento turístico, passando a se constituir como uma privilegiada categoria de análise no reconhecimento da vocação turística de um

determinado lugar. Tal reconhecimento, se tomado sob a perspectiva do planejamento turístico, contempla duas fases que juntas perfazem a análise do potencial turístico de uma área ou região: a primeira é o *inventário* — ou a identificação propriamente dita — dos recursos; e a segunda é a *avaliação* destes recursos com o estabelecimento de medidas de valor relacionadas aos seus atributos.

Para o inventário dos recursos são conhecidos e utilizados uma variedade de métodos e de técnicas, com maior ou menor refinamento, que procuram agrupar os recursos em categorias de acordo com a sua natureza e/ou funcionalidade (CERRO, 1993). O inventário como primeiro passo para a análise do potencial turístico, facilita a identificação dos elementos ou atividades que tem um certo poder atual ou potencial para atrair a demanda turística.

Já para a avaliação vê-se aumentada progressivamente a complexidade das técnicas utilizadas, com a possibilidade do advento de levantamentos sistemáticos e de métodos quantitativos, muitos dos quais inspirados justamente nas tradicionais técnicas de avaliação da paisagem. Dessa forma, a avaliação permite a aferição da qualidade dos atrativos e, portanto, uma melhor fundamentação para a tomada de decisões no processo de planejamento. Quanto mais satisfeitas estas duas etapas, tecnicamente melhor definida estará a vocação turística e melhor selecionadas serão as alternativas para o desenvolvimento turístico. (CERRO, 1993).

3.1 Qualidade, fragilidade e impactos visuais enquanto enfoques de abordagem dos estudos da paisagem aplicados ao planejamento do turismo

A *qualidade visual da paisagem* enquanto mérito para a sua proteção e/ou conservação como patrimônio e recurso; a *fragilidade visual da paisagem* enquanto critério de avaliação de sua vulnerabilidade diante de atuações humanas ou de outros fatores de risco causadores da perda de sua qualidade visual pré-existente; e os *impactos visuais* enquanto dimensionamento da repercussão visual na paisagem de intrusões advindas de atividades humanas, são enfoques de abordagem contidos nos estudos da paisagem em sua dimensão estética ou visual.

Estes enfoques quando aplicados ao turismo, ou seja, ao seu planejamento e gestão ou, ainda, no meio acadêmico à produção de conhecimento e desenvolvimento científico da área, apresentam um vasto campo de investigação e de atuação profissional para pesquisadores e

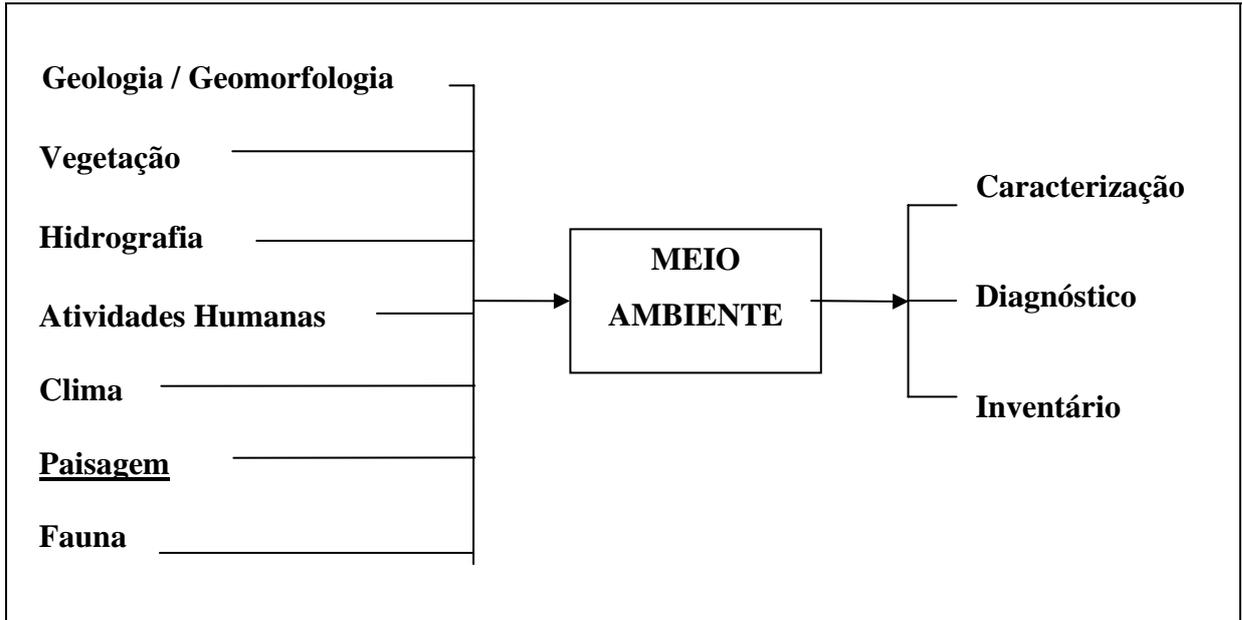
agentes protagonistas do desenvolvimento do turismo. Dessa forma, será exposto a seguir um breve e elementar desdobramento dessas possibilidades.

3.1.1 A qualidade visual como variável ambiental de análise dos espaços turísticos

A qualidade visual (cênica) é o valor dado a uma paisagem mediante a sua observação, em resposta aos seus estímulos visuais (LITTON, 1972). Tais estímulos são emanados esteticamente das formas topográficas e dos elementos da superfície da terra.

Para Fernández (1979) a avaliação da qualidade do meio é um conceito de difícil definição em termos absolutos, sendo necessário recorrer-se a critérios baseados em juízo de valor pessoal ou profissional. A resposta advinda da aplicação de tais critérios, diante da percepção de uma paisagem é, evidentemente, subjetiva. Já Ignácio *et al.* (1984) conceitua a qualidade de uma paisagem como o grau de excelência de suas características visuais, constituindo no mérito para não ser alterada ou destruída.

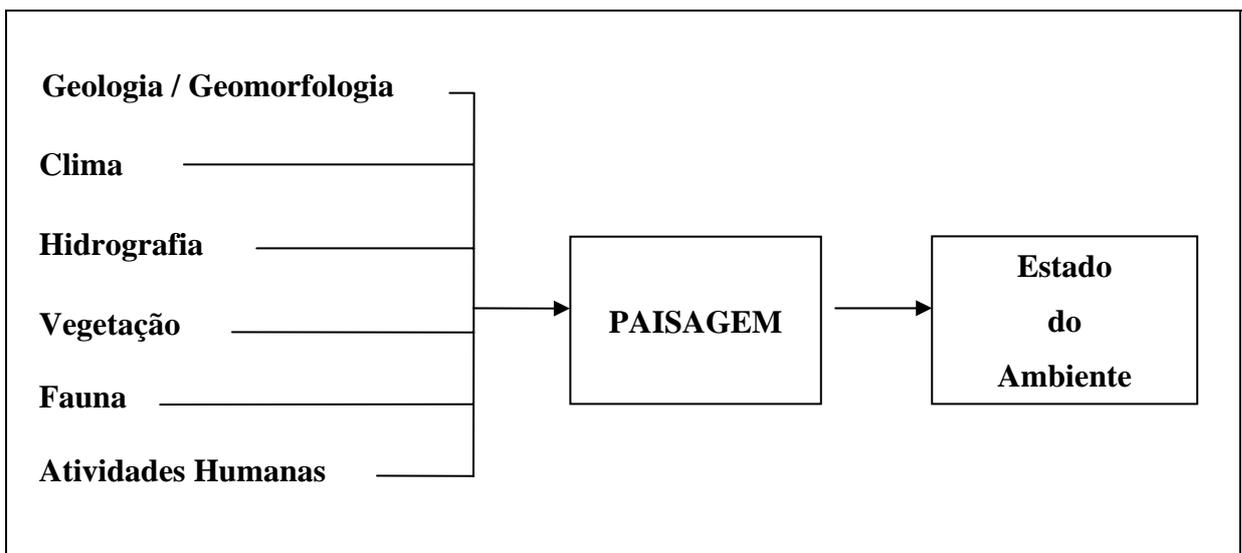
Na caracterização, ou mesmo no diagnóstico ambiental do espaço turístico, a paisagem e sua qualidade intrínseca poderá ser considerada como uma variável entre as demais variáveis do ambiente biofísico, da forma como está representado na figura a seguir.



Fonte: PIRES, P.S., 2006.

3.1.2 A paisagem como síntese ambiental do espaço turístico

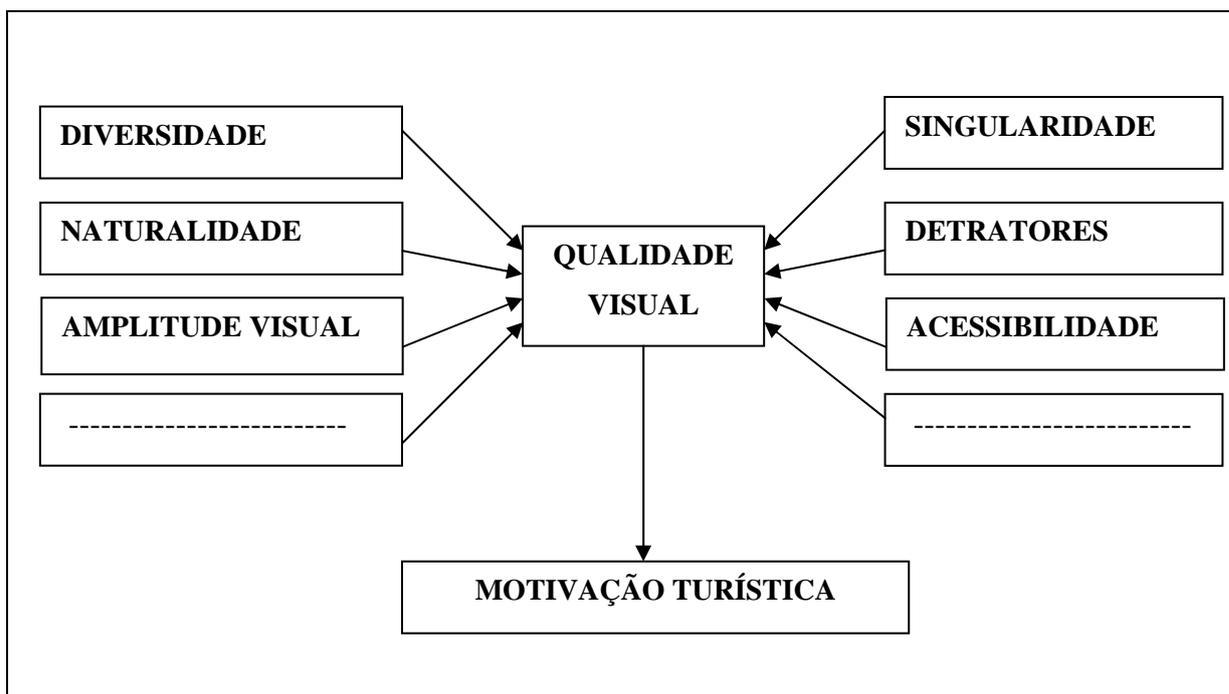
Na condição de expressão espacial e visual do ambiente, a paisagem reúne e agrega todos os seus elementos constituintes, tornando-se uma categoria-síntese indicadora do seu estado de qualidade, conforme ilustra a seguinte figura.



Fonte: PIRES, P.S., 2006.

3.1.3 A qualidade visual como fator de motivação turística

A ocorrência isolada ou a combinação dos diversos componentes biofísicos de uma paisagem, que se expressam em categorias estéticas e como atributos cênicos diante do observador-turista, despertam a motivação de viagem e justificam o surgimento e a consolidação de destinos turísticos. A figura a seguir mostra esquematicamente que características contribuem para a determinação da qualidade visual.



Fonte: PIRES, P.S., 2006.

3.1.4 A fragilidade visual com variável ambiental de análise dos espaços turísticos

Fragilidade visual da paisagem se define como o grau de suscetibilidade à deterioração mediante a incidência de determinadas atuações. De forma similar, o conceito de vulnerabilidade visual exprime o potencial de uma paisagem ou para absorver ou para ser perturbada visualmente pelas atividades humanas. (IGNÁCIO *et al.*, 1984). A fragilidade visual pode ser definida também como o inverso da capacidade da paisagem de absorver possíveis alterações sem perda de qualidade visual. Assim, quanto maior for esta capacidade, menor será a fragilidade.

Enquanto que a qualidade visual de uma paisagem é uma qualidade intrínseca do território, isto não ocorre com a fragilidade que depende, em princípio, do tipo de atividade que se pretende desenvolver. O espaço visual pode apresentar diferentes vulnerabilidades segundo uma atividade ou outra, e este fato é muito relevante quando se trata de realizar um estudo sobre um território de extensão reduzida. Neste caso haveria que se especificar sua fragilidade para cada uma das atividades possíveis. Diante de grandes superfícies territoriais a fragilidade deve tomar também um caráter genérico e considerar-se como intrínseca.

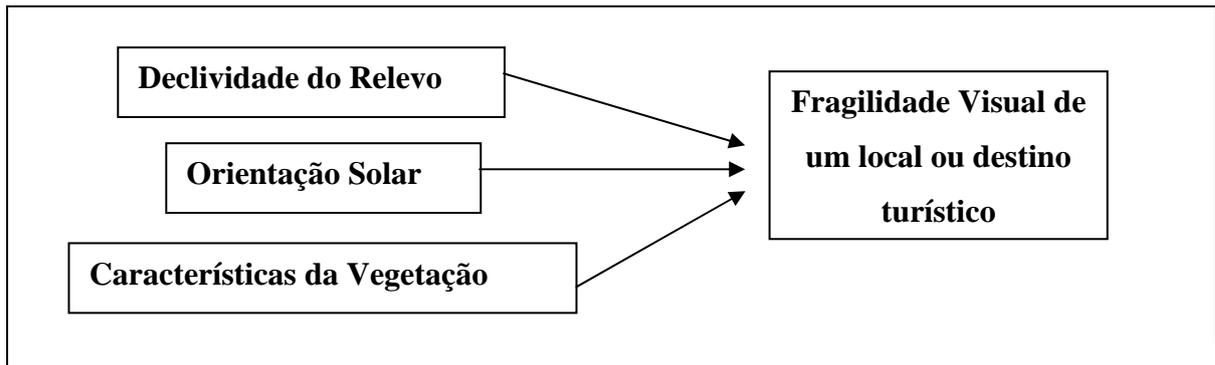
A exemplo da qualidade visual, a fragilidade também visual de um determinado ambiente, constitui-se em uma variável de análise que poderá fornecer indicadores da capacidade de absorção visual das atuações humanas sobre o ambiente, informando sobre a sua maior ou menor vulnerabilidade à perda ou modificação da qualidade visual pré-existente para o desenvolvimento turístico. A figura a seguir ilustra de forma simplificada esta condição.



Fonte: PIRES, P.S., 2006.

3.1.5 A fragilidade visual como critério de localização de atividades e estruturas turísticas

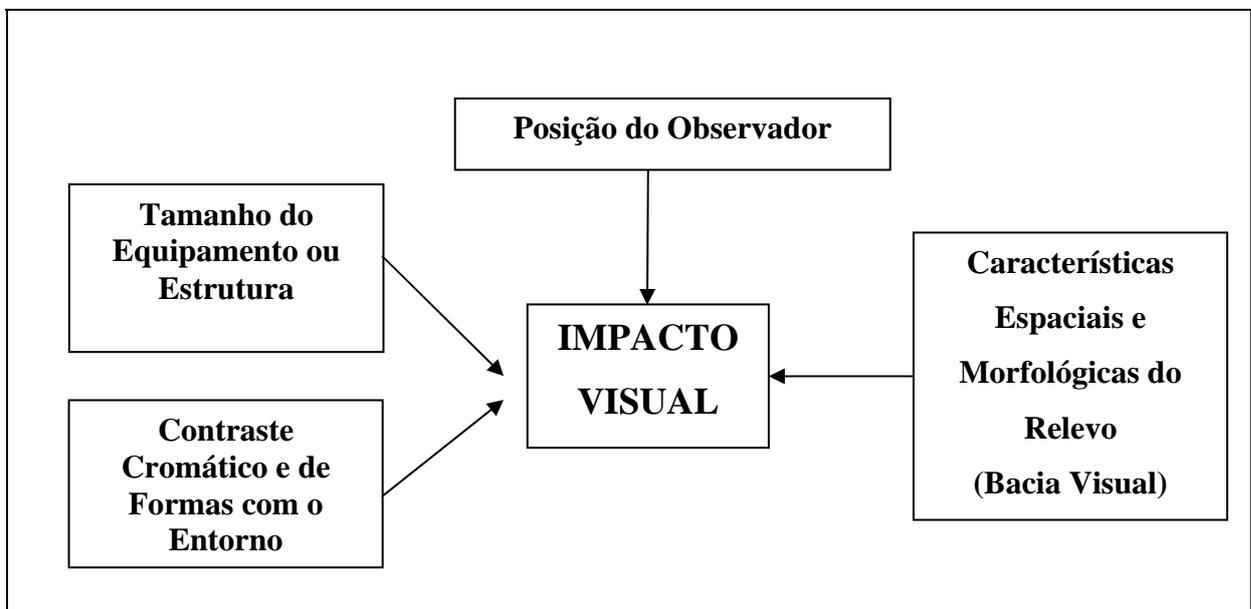
As decisões de localização, ou seja, de implantação ou não implantação de espaços, equipamentos ou estruturas que possibilitam o desenvolvimento do turismo e suas múltiplas atividades, poderão contar com o subsídio técnico advindo da determinação da fragilidade visual dos locais ou áreas objeto deste tipo de interesse. A figura a seguir apresenta um esquema básico dos condicionantes da fragilidade visual em um determinado ambiente e seu território.



Fonte: PIRES, P.S., 2006.

3.1.6 Impactos visuais na paisagem como critério de localização e distribuição de atividades e estruturas turísticas

Os impactos visuais nos espaços turísticos são função direta do tamanho e do contraste das intrusões visuais advindas da implantação de equipamentos e estruturas voltadas para o lazer e o turismo, assim como das características espaciais e morfológicas do relevo (bacia visual) da área de alcance visual dos mesmos. O mesmo princípio se aplica a outras atividades humanas não relacionadas diretamente ao turismo, mas que se encontram nos espaços de desenvolvimento deste. A figura a seguir esquematiza esta descrição.



Fonte: PIRES, P.S., 2006.

Define-se bacia visual de um determinado ponto a zona visível a partir desse ponto. Ainda é possível ampliar esse conceito a um conjunto de pontos próximos que constituem uma unidade ou objeto de análise e considera-los como a porção de território vista a partir de

outros pontos do mesmo território, desde onde também podem ser vistos. (IGNACIO *et al.*, 2004)

O conceito de bacia visual aqui inserido juntamente com os conceitos de fragilidade e qualidade visuais, permite ainda explorar amplamente o seu potencial de análise aplicado ao planejamento turístico em situações especiais como o estabelecimento de estradas-parque e rios-cênicos, que despontam como categorias longitudinais de áreas protegidas muito promissoras para o turismo.

3.2 Possíveis linhas de pesquisa para os estudos da paisagem no meio acadêmico da área de turismo.

A base de conhecimento proporcionada pelo campo temático dos estudos da paisagem e sua utilização no turismo, seja em função do planejamento e gestão do seu desenvolvimento, seja no nível acadêmico, com a sua incorporação teórico-metodológica à construção do saber e de uma ciência do turismo, permite propor a linha potencial de pesquisa “*Estudos da Paisagem Aplicados ao Turismo*” especialmente em Cursos de Pós-graduação (*Stricto Sensu*) na área de Turismo. Esta linha, compreenderia duas ênfases principais de abordagem, ou sub-linhas, a saber:

- *Teoria e Desenvolvimento Metodológico;*
- *Análise Visual da Paisagem nos Espaços Turísticos.*

A primeira sub-linha com uma ênfase eminentemente *epistemológica* teria o objetivo de assimilar, adaptar e produzir conhecimento teórico-metodológico oriundo do campo dos estudos da paisagem em sua dimensão visual aplicáveis ao fenômeno turístico, abarcando a paisagem dos espaços turísticos enquanto foco de abordagem, e os distintos segmentos atores sociais enquanto demandantes de referida abordagem.

A segunda sub-linha com uma ênfase eminentemente *empírica* atuaria no desdobramento aplicativo do repertório metodológico disponível, elegendo como objeto as destinações turísticas em suas distintas escalas territoriais de abordagem (atrativos pontuais, destinos e regiões turísticas).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação anteriormente feita sobre a pouca quantidade no meio acadêmico brasileiro de estudos teóricos e de trabalhos aplicados no campo dos estudos da paisagem, em sua dimensão visual, e com o enfoque nas condições de qualidade, fragilidade e impactos visuais, se baseou nos resultados de uma pesquisa sobre o assunto recentemente desenvolvida sob a orientação deste autor a qual, entre outros objetivos, buscava justamente constatar esta situação. Não obstante, percebeu-se uma quantidade bem mais expressiva de pesquisas e trabalhos especialmente no campo da *ecologia da paisagem* que adotam a paisagem como unidade de análise territorial ou ambiental, dentro da dimensão ecológico-geográfica de sua abordagem.

Tal constatação leva ao levantamento de pelo menos duas hipóteses preliminares: a primeira de que os estudos da paisagem ainda não despertaram o interesse pelo seu aproveitamento e incorporação no campo do turismo, particularmente no tocante a estudos e abordagens empíricas; a segunda de que estes enfoques de abordagem no campo do turismo não são considerados relevantes ou pertinentes por parte da comunidade acadêmica e científica.

Na tentativa de contrapor a estas hipóteses elementos que possibilitem sustentar a contemplação dos estudos da paisagem na pesquisa e no planejamento do turismo, os modelos representados nas figuras expostas neste trabalho, buscaram ilustrar simplificada e sinteticamente, como a paisagem, seja como categoria totalizante, seja desdobrada em enfoques específicos, porém complementares entre si, como a qualidade, fragilidade e impacto visual, detém uma condição muito apropriada e pertinente para a sua consideração enquanto categoria analítica do território e de sua ocupação por estruturas e atividades decorrentes do desenvolvimento turístico.

Dessa forma, na perspectiva da incorporação dos estudos da paisagem em sua dimensão visual à esfera de abordagens temáticas que concorrem para a produção do conhecimento técnico e científico do turismo, é que se idealizou a criação das linhas de pesquisa “*Estudos da Paisagem Aplicados ao Turismo*”, desdobrada em duas vertentes de investigação denominadas como “*Teoria e Desenvolvimento Metodológico*” e “*Análise Visual da Paisagem nos Espaços Turísticos*”. A efetivação desta proposta dependerá, como já depende, do reconhecimento de seu mérito e de apoios efetivos que estarão sendo proporcionados

interna e externamente aos Programas e Cursos de *Stricto Sensu* em Turismo existentes no Brasil, julgando serem eles o âmbito acadêmico apropriado e vocacionado para acolher e viabilizar as frentes de investigação aqui propostas.

5 REFERÊNCIAS

- ALONSO, Miguel A. et al. *Guía para la elaboriación de estudios del medio físico: contenido y metodología*. 5.ed. Madrid: Ministerio de Medio Ambiente, 2004.
- BOMBIM, E. M. N. *El paisaje*. Madrid: Mopu, 1987.
- CERRO, F. L. *Técnicas de evaluación del potencial turístico*. MCYT. Serie Libros Turisticos. Madrid. 1993.
- FERNÁNDEZ, A. R. *Planificación física y ecología: modelos y métodos*. Madrid: EMESA, 1979. 216p.
- FONT, J. N. *Paisaje y turismo*. Estudios turisticos. Madrid. n. 103. 1989. p. 35-45.
- GRIFFITH, J.J. Análise dos recursos visuais do Parque Nacional da Serra da Canastra. *Brasil Florestal*. a. 9, n. 40. Viçosa. 1979. p. 13-21
- GRIFFTH, J.J.; VALENTE, O.F. Aplicação da técnica de estudos visuais no planejamento da paisagem brasileira. *Brasil Florestal*, a. 10. n. 37. Viçosa. 1979. p. 6-14.
- IGNÁCIO, C.F. et al. *Guia para elaboración de estúdios del medio físico: contenido y metodología*. Madrid: CEOTMA. (Serie Manuales). 1984.
- JORDANA, J.C.C. Curso de introducción al paisaje: metodologías de valoración. *Apostila*. Santander, Espanha: Universidade de Cantábria. 1992.
- LITTON JR., R. B. *Aesthetic dimensions of the landscape*. In: KRUTILLA, J. V. (ed) *Natural Environments: Studies in Theoretical and Applied Analysis*. Baltimore: John Kopkins, 1972, 1972. p. 263-291.
- MILANO, M.S. Estudos da paisagem na avaliação de impactos ambientais. In: Seminário sobre Avaliação e Relatório de Impactos Ambientais. 1989. Curitiba. *Anais*. Curitiba: FUPEF. 1989. p. 117-125.
- PIRES, P. S. Campo de aplicação dos enfoques de qualidade, fragilidade e impactos visuais no planejamento do turismo. In: PIRES, P. S.; DALENOGARE, M. L. *Bases teórico-metodológicas para a aplicação dos estudos da paisagem no planejamento turístico*. Relatório de Pesquisa. ProBIC. 2006. UNIVALI, Balneário Camboriú. P. 66-70.
- SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Ed. Hucitec. 1988.